

“A colaboração numa Equipa de Cuidados Paliativos Domiciliários”

A doença terminal e a morte foram hospitalizadas e a sociedade em geral passou a negar a morte

EQUIPA DE CUIDADOS PALIATIVOS (USIT-CSAH)
ENFERMEIRA ANABELA RIBEIRO
ENFERMEIRA LUÍSA MARQUES
ENFERMEIRA CELINA ORMONDE

Os progressos das ciências ligadas à saúde na segunda metade do século XX, levaram à cura de muitas doenças até então fatais, facto que contribuiu para o aumento da esperança média de vida e conduziu à ilusão da onnipotência médica. Socialmente, passou a exigir-se a cura de todas as pessoas, passando a morte a ser vista como indicador de insucesso, o que nos tem trazido grandes constrangimentos a nível socio-económico-cultural.

A doença terminal e a morte foram hospitalizadas e a sociedade em geral passou a negar a morte. Aquilo que era um momento vivido em sociedade, envolvendo os familiares e amigos, passou a ser vivido privadamente como se fosse um erro ou um pecado. Deixamos de preparar a nossa própria partida e deixamos de saber cuidar dos que vão partir.

Os enfermeiros, integrando uma equipa multidisciplinar, visam melhorar a qualidade de vida dos doentes (e famílias) que enfrentam problemas decorrentes de uma doença incurável com prognóstico limitado, através da prevenção e alívio do sofrimento, com recurso à identificação precoce, avaliação adequada e tratamentos rigorosos dos sintomas não só físicos, como a dor, mas também dos emocionais, socioeconómicos e espirituais. Sempre que possível, este acompanhamento é realizado no domicílio onde o doente reside no momento, contudo existem situações em que o doente poderá ter necessidade de ir ao hospital.

Com o aproximar da mor-



Com o aproximar da morte, vários tipos de perdas podem ocorrer, constituindo-se estas como enormes desafios para o doente em fase terminal e para a sua família, sendo o sentimento de luto tão mais intenso quanto mais estreita for a ligação específica estabelecida entre ambas as partes

te, vários tipos de perdas podem ocorrer, constituindo-se estas como enormes desafios para o doente em fase termi-

nal e para a sua família, sendo o sentimento de luto tão mais intenso quanto mais estreita for a ligação específi-

ca estabelecida entre ambas as partes. A equipa de enfermagem procura intervir ativamente na gestão das perdas que vão ocorrendo no utente, desde a dor física e sofrimento, à privação de objetivos e sonhos futuros; a sentimentos de desamparo e frustração das famílias, por nada poder fazer para travar a doença do seu ente querido e, simultaneamente, antecipação e medo das mudanças nos pa-

péis e funções no seio familiar.

Os cuidadores familiares têm necessidade de sentir disponibilidade, sentir que têm alguém com quem possam partilhar e expressar os seus sentimentos, angústias e medos. O nosso papel como equipa de enfermagem é fornecer estratégias para minimizar a carga de ser cuidador de um doente paliativo. Quem cuida, também precisa de ser cuidado! ♦